



Uma manhã.

Uma árvore.

Um terreiro.

Um coletivo.

Alguns livros.

Balanços.

Lápis de cor e papel.

Pipoca, picolé, bolo, bombons.

Crianças.

Um Pé de Livro se materializando na
contação de histórias.

Junto com as crianças brincamos de imaginar e sonhar, tanto com as histórias dos livros quanto das nossas vidas. A partir dos desenhos e das palavras, provavelmente, nunca ditas antes, acrescentamos em nossas biografias a força do desejo a partir do ensaio de outras realidades, ainda que futuras. De nos pensarmos de outros jeitos. Juntos nos atrevemos a sonhar e desejar realidades mais equânimes e justas. Sonhos que deveriam ser realidades cotidianas, mas que pela crueza das desigualdades ainda ficam no campo da imaginação. Porém, ao compartilharmos nossos sonhos, talvez, realizamos nosso ato de resistência

contra a realidade que ainda não nos incluem. Feito dobra, rabisco e corte, o exercício de imaginação imprimia em nós e no outro sentimentos e desejos que ainda não tinham tido espaço de ser. Com o testemunho das árvores, dos animais, dos livros, do papel, dos lápis de cor e dos corações, jogamos a semente no terreiro. Criamos faíscas no peito. Pintamos o cotidiano. Experimentamos gostos novos, incluindo o de se desejar sujeitos diferentes.



Feito o “O menino que carregava água na peneira” de Manoel de Barros, fizemos peraltagens no terreiro e nos ligamos aos despropósitos dos sonhadores que mais que acreditar, tecem invenções, enchem os vazios, alegram os dias e transformam.

E, assim, em tempos de ataque aos nossos direitos e expressões de (des)potência, ensaiamos resistência. Ousamos desejar modos diferentes de viver. Celebramos a leitura e, principalmente, demos as mãos e acreditamos que juntos podemos ser outros, diversos, transformadores. Que podemos ser capazes de coletivamente construirmos habilidades para sermos leitores da nossa própria realidade, analisando-a em suas nuances, em seus movimentos de exclusão, desigualdade e injustiça, assim como em sua força criadora. Da possibilidade de nossas existências serem percebidas e sentidas de muitas outras formas. Da vida se movimentando e ensaiando outros ritmos e encontros.

PS: Um Pé de Livro no terreiro da dona Margarida se transformou em ato ético-político ao questionar a realidade. E estético ao sonhá-la de outras formas.

